
As dimensões formativas que constituem as identidades de educadores ambientais

Las dimensiones formativas que constituyen las identidades de los educadores ambientales

Sabrina Meirelles Macedo
Narjara Mendes Garcia
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Rio Grande - RS - Brasil

Resumo

A Educação Ambiental contribui para problematizar as relações socioambientais, mobilizando uma percepção ecológica e uma ação reflexiva. Assim, compreender a constituição dos sujeitos que a promovem é relevante. O objetivo deste artigo é apresentar o recorte de uma pesquisa de doutorado, a qual busca compreender quais são as dimensões formativas da identidade de educador ambiental. Como metodologia foi utilizada a revisão bibliográfica de viés fenomenológico-hermenêutico, de teses, artigos e resumos científicos, que abordam a temática. Os resultados apontam para uma ênfase nos processos de constituição formais, com destaque para a inserção da temática ambiental na formação de professores, e uma carência em pesquisas que abordem outras dimensões formativas, como experiências de educação não-formal.

Palavras-chave: Educação ambiental; Formação de professores; Identidade.

Resumen

La Educación Ambiental contribuye a problematizar las relaciones socio-ambientales, movilizando una percepción ecológica y una acción reflexiva. Por ello, es relevante entender la constitución de los sujetos que la promueven. El objetivo de este artículo es presentar el corte de una investigación doctoral, que busca comprender cuáles son las dimensiones formativas de la identidad del educador ambiental. La metodología utilizada fue una revisión bibliográfica de sesgo fenomenológico-hermenéutico, de tesis, artículos y resúmenes científicos, que abordan el tema. Los resultados apuntan a un énfasis en los procesos de constitución formal, con énfasis en la inserción del tema ambiental en la formación del profesorado, y una falta de investigación sobre otras dimensiones formativas, como las experiencias de educación no formal.

Palabras clave: Educación ambiental; Formación de profesores; Identidad.

Introdução

As reflexões apresentadas aqui emergem da inquietação das pesquisadoras acerca do processo de constituição da identidade de educadores ambientais. O que é ser um(a) educador(a) ambiental? Quais as dimensões formativas que atravessam os sujeitos que se identificam como tais? Estas questões vêm mobilizando uma pesquisa de doutorado em andamento e a qual têm como temática a constituição da identidade dos sujeitos educadores ambientais e busca compreender as dimensões formativas que constituem tais sujeitos.

Vivenciamos na atualidade uma grave situação sanitária, resultante de uma série de problemáticas, todas elas frutos de uma crise mais ampla – uma crise de percepção (CAPRA, 2006), que reverbera em uma “perda de sentido da existência” (LEFF, 2014, p.15). Tal perda tem justificado a exploração sem limites de todas as formas de vida, e levado a exaustão a própria Terra, comprometendo a qualidade de vida de todos os seres, e inclusive, a continuidade da vida das diferentes espécies. A crise da COVID-19 escancarou e aprofundou as desigualdades e injustiças socioambientais, evidenciando o fracasso e a insustentabilidade do modelo de sociedade vigente. Além disso, temos ainda a crise climática, que a cada dia evidencia sua grave presença no mundo.

Neste contexto entendemos a Educação Ambiental como uma alternativa para problematizar a relação entre sociedade e natureza, e, portanto, capaz de mobilizar a constituição de uma percepção ecológica, a qual contribua para uma postura crítica e uma ação reflexiva, capazes de transformar as realidades e mobilizar outras formas de ser e estar no e com o mundo. A Educação Ambiental enquanto processo educativo e formativo

Busca evidenciar a unicidade ser humano e natureza, fazendo emergir um processo de reconexão, onde, rompendo a dicotomia e as amarras do antropocentrismo hierarquizante, o ser humano assume ser parte da natureza, percebendo-se como um dos tantos elementos, que compõem a rede interdependente da vida na Terra e no universo (GUIMARÃES, GRANIER, 2017, p. 1580).

Tal perspectiva educativa constitui e se fundamenta em um saber ambiental, saber este capaz de interligar todos os seres e suas existências, um saber que propicie a compreensão das interações e interdependências que fundamentam o viver nesta casa

comum, a Terra. De acordo com Leff (2010, p.200) um saber “(...) que integre o conhecimento racional e o conhecimento sensível os saberes e os sabores da vida.” Este saber ambiental, capaz de recolocar o ser humano no todo da natureza pode contribuir para romper com o que Krenak (2019) aponta como uma das causas da degradação socioambiental, pois conforme o intelectual aponta: “Do nosso divórcio das interações e integrações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos (...)” (KRENAK, 2019, p.49).

Sob tal perspectiva entendemos ser necessário (re) pensar a constituição dos sujeitos que atuam no e mobilizam o campo da Educação Ambiental, visto que este se configura em uma relação interativa, dialógica e de reciprocidade com os sujeitos que nele atuam. Compreender os diferentes percursos e experiências que constituem estes sujeitos em suas identidades de educadores ambientais pode indicar caminhos para processos educativos mais efetivos e significativos, potentes para mobilizar a atuação consciente e crítica de todas as pessoas. Tendo em vista que somos sujeitos racionais e afetivos, pensar este saber ambiental de forma integrada, o qual nasce nas diferenças e interações, nos parece relevante.

O objetivo deste artigo é apresentar o recorte de uma pesquisa de doutorado, a qual busca compreender quais são as dimensões formativas da identidade de educador ambiental. Como metodologia foi utilizada a revisão bibliográfica de viés fenomenológico-hermenêutico, de teses, artigos e resumos científicos, que abordam a temática.

Inicialmente apresentaremos algumas reflexões teóricas que estamos tecendo acerca da temática, em um diálogo fundamentado na perspectiva da Educação Ambiental Sistêmica (SAUVÉ, 2005), a qual busca mobilizar um diálogo de saberes e fazeres, reconhecendo a diversidade como promotora de pensares e agires significativos. Após abordemos o levantamento bibliográfico realizado em quatro bancos de dados como primeira etapa metodológica da pesquisa. Ao final, apontaremos algumas ideias iniciais, as quais continuam abertas e em construção.

Os fios que tecem as identidades de educadores ambientais

A Educação Ambiental é um território de múltiplos saberes e sujeitos, marcado por diferentes correntes político-pedagógicas. É uma área de confluência entre os campos ambiental e educativo. A diversidade que marca o campo é fruto de diferentes trajetórias que constituem os sujeitos que o compõem. A presente escrita se fundamenta em uma

As dimensões formativas que constituem as identidades de educadores ambientais

perspectiva de Educação Ambiental Sistêmica, a qual abarca uma visão ecológica, integradora, que reconhece a interdependência entre as dimensões naturais e sociais dos ambientes (SAUVÉ, 2005).

Tal perspectiva tem como foco as relações entre as partes que constituem um sistema, que deve ser compreendido em sua totalidade, mas sem se perder de vista as interações entre as partes. Reconhecer as interdependências e as relações que constituem a teia da vida requer uma percepção ecológica (CAPRA; LUISI, 2014). Este reconhecimento de nossa interdependência e de nosso lugar no todo da vida possibilita que os sujeitos se sintam pertencentes e desta forma se comprometam com a saúde ambiental do mundo, rompendo com a perspectiva antropocêntrica e com o olhar instrumental, o qual fundamenta uma postura de uso diante dos seres e dos bens naturais.

Ao encontro de tal perspectiva Leff (2014, p15) aponta que a crise ambiental é “(...) uma crise de civilização: da cultura ocidental; da racionalidade da modernidade; da economia do mundo globalizado.” Tal racionalidade moderna fragmenta o mundo e os seres, e “coisifica” a vida, retirando-lhe o sentido da existência, criando compreensões de mundo nas quais o ser humano se entende “divorciado” da natureza e seu senhor. Como forma de contrapor e romper com esta racionalidade, possibilitando novas relações, o autor propõem a constituição de uma racionalidade ambiental, a qual é fundamentada na diversidade da vida, nas diferenças, no diálogo de saberes e dos fazeres locais e no convívio com o outro.

Como alternativa para romper com esta racionalidade instrumental e antropocêntrica Sá (2005) salienta a necessidade de mobilizarmos o sentimento de pertencimento, contrapondo a alienação com a qual o sistema capitalista vem engendrando nossa sociedade. A autora aponta que a noção do ser humano como um ser separado da natureza, um sujeito desenraizado e desligado do seu contexto precisa ser superada, a fim de que possamos lidar mais efetivamente com a crise ambiental e com as exclusões sociais. Assim como identidade, o conceito de pertencimento está em constante fluidez e construção.

Tal ideia de pertencimento inclui a subjetividade como um elemento intrínseco do conhecimento humano, e integrá-la nesse processo é condição para se alcançar a objetividade, na condição de um conhecimento “(...)que se sabe pertencente e se quer compatível com a complexidade do vivido” (SÁ, 2005, p. 254). Sob tal perspectiva, aprendemos e construímos saberes não apenas a partir da lógica, mas com os demais sentidos e emoções, restituindo assim ao ser humano a sua totalidade, integralidade.

Entendemos que os saberes nascem não apenas do exercício da razão, mas também das afetividades, sentidos, sensações e subjetividades. Aprendemos e pensamos com o corpo todo. É nas interações com as dimensões subjetivas e objetivas que nos constituímos como sujeitos, mobilizamos culturas, conhecimentos, e configuramos as sociedades. Conforme aponta Arias (2011, p.29): “[...] somos la conjunción entre afectividad e inteligência.” O autor nos convida a pensar sob a perspectiva do corazonar uma ideia que integra as diferentes dimensões que compõem o ser humano –a razão e a afetividade, em um movimento de superação da hegemonia da razão.

Sendo assim o processo educativo e formativo não pode abrir mão da estética, visto que é ela quem mobiliza os sentidos, as sensibilidades. Conforme Duarte Jr. (2001, p.63) os sentidos humanos básicos – olfato, visão, tato e audição - “(...) são a janela de comunicação do nosso corpo com o mundo exterior”, a partir das quais temos nossos primeiros contatos com os mundos de nosso mundo, e interagimos com os outros seres que os constituem. Este saber sensível é fundante dos demais conhecimentos, e como aponta Leff (2014): “O conhecimento e o saber se enraízam no solo vital da biosfera, nos territórios de vida e no corpo da existência.” (LEFF, 2014, p. 310).

Pensar a constituição das identidades de educadores ambientais nos remete a pensar nas muitas dimensões formativas que configuram este processo. Por dimensões formativas entendemos todas as experiências, saberes e práticas que constituem os sujeitos ao longo de sua vida. É um processo que se insere na constituição do ser, e é um movimento individual e social, pois como aponta Brandão (2005) somos seres aprendentes.

A educação enquanto um processo de humanização e socialização (PIMENTA,1996) deve contribuir na constituição de pessoas capazes de ler o mundo a sua volta, pensar e agir consciente e criticamente neste. Sendo uma experiência especificamente humana, que se dá nas relações entre as pessoas e destas com os ambientes nos quais se inserem, ter um olhar mais abrangente e sensível pode contribuir para uma maior compreensão de suas realidades. Efetivar processos educativos mais reflexivos, sensíveis e integradores se apresenta como uma condição para as mudanças socioambientais necessárias.

Sendo assim constituímos nossas identidades nas interações que vamos estabelecendo conosco mesmos, com os demais seres – humanos e não humanos - nos mais variados ambientes nos quais estamos inseridos, ou de alguma forma, somos afetados por

As dimensões formativas que constituem as identidades de educadores ambientais

eles. A tais experiências atribuímos sentidos, os quais vão configurando as nossas identidades. Os ambientes se constituem a partir das interações entre os sujeitos e demais seres e objetos que se encontram em relação, e podem ser entendidos enquanto

(...) campo de interações entre a cultura, a sociedade, a base física e biológica dos processos vitais, na qual todos os termos desta relação se modificam dinâmica e mutuamente. (...) meio ambiente, como um espaço relacional, em que a presença humana, longe de ser percebida como extemporânea, intrusa ou desagregadora (“câncer do planeta”), aparece como um agente que pertence à teia de relações da vida social, natural e cultural e interage com ela. (CARVALHO, 2006, p.37).

A vida na Terra e a coexistência entre seres humanos e não humanos se constitui enquanto uma teia de relações. Somos “(...) um nó de relações voltado para todas as gerações”, e nada se dá fora das relações (BOFF, 2020). É a partir destas relações que os sujeitos constituem os ambientes na medida em que são constituídos por estes. Compreender estas teias de relação e nosso lugar nela se faz necessário, em especial quando pensamos a Educação Ambiental.

Contribuições da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano no estudo da dimensão formativa de educadores ambientais

A fim de fundamentarmos nossa compreensão do processo de constituição da identidade de educadores ambientais buscamos o aporte da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) proposta por Urie Bronfenbrenner e seus colaboradores (1996; 2011). Tal perspectiva, fundamentada no paradigma sistêmico, compreende o processo de desenvolvimento como contínuo, dinâmico, marcado por continuidades e mudanças, o qual ocorre ao longo de toda a vida e é mediado pelas sucessivas gerações e pelo tempo histórico. Faz-se, portanto, no e com o coletivo, em interação constante com os ambientes. Para Bronfenbrenner as percepções e as experiências são elementos fundamentais no processo de desenvolvimento humano.

Na TBDH quatro aspectos multidirecionais se inter- relacionam: “Pessoa, Processo, Contexto e Tempo”, formando o modelo PPCT. Nesta perspectiva a ênfase está nas propriedades da pessoa em desenvolvimento, suas características como crenças, percepções, valores, expectativas, assim como suas características físicas, as quais influenciam a forma como as outras pessoas a vêem e se relacionam com ela. Entende-se que a constituição da pessoa se dá na coletividade, sendo um processo individual e social, pois a formação do eu se opera no reconhecimento do outro.

Na medida em que vivemos no mundo e compartilhamos com ele os processos vitais, nós o construímos ao mesmo tempo em que ele nos constrói, em um processo permanente, interativo e recíproco (MATURANA; VARELA, 2001). Este processo de estar com o mundo e não apenas estar no mundo, envolve o estabelecimento de conexões e relações conscientes, em nossos ambientes e com os demais seres que neles estão inseridos. É a partir de nossas vivências, conflitos e desafios, que nos constituímos seres humanos, na mesma medida em que constituímos os ambientes dos quais somos parte.

Sob tal perspectiva a educação mais uma vez se apresenta como uma experiência potente no processo de constituição das identidades dos sujeitos, visto que ela pode contribuir na formação de pessoas capazes de promover mudanças necessárias para se ter uma vida digna.

A estes diferentes ambientes Bronfenbrenner (1996) denominou ambiente ecológico, ambiente aqui entendido como os contextos em interação. Estes são denominados: micro, meso, exo e macrosistema. A referência é sempre a pessoa e sua relação com o contexto. E as interações de um organismo vivo com seu ambiente são interações cognitivas, que envolvem a emoção, a percepção e o comportamento.

O microsistema se refere aos ambientes nos qual a pessoa estabelece relações face a face, intervindo diretamente, como em casa, na escola, no trabalho, na igreja. O mesosistema é constituído pelas inter-relações entre os ambientes nos quais a pessoa participa ativamente, como por exemplo: a inter-relação entre família e escola.

O exossistema se refere aos contextos nos quais a pessoa não participa ativamente, mas no qual os eventos que dali decorre afetam em seu desenvolvimento, como por exemplo: alterações nos horários de trabalho dos pais interfere no cotidiano de seus filhos, afetando o contexto microssistêmico. E por último, o macrosistema o qual não se refere à ambientes específicos, mas tem a ver o contexto cultural e histórico de uma determinada sociedade ou grupo social, o qual condiciona as escolhas e ações humanas, e, portanto, seu desenvolvimento.

Para Giddens (2002) a identidade é um processo reflexivo, no qual o ao longo de sua vida homens e mulheres (re) criam constantemente suas narrativas. E como estas se constituem em relação com os demais seres e as estruturas sociais (ambientes) que o condicionam (mas não os determinam), a constituição das identidades é um processo social,

As dimensões formativas que constituem as identidades de educadores ambientais

histórico, e por isso, permanente e fluído. Segundo Carvalho (2005) a identidade emerge das imbricações entre as dimensões sociais e psíquicas, ou seja, as esferas pessoais e sociais. É, portanto resultante de processos sócio-históricos nos quais a pessoa se encontra “(...) no entrecruzamento de sua condição de ser singular, individual, irreptível, e sua natureza social, histórica, constituído na relação com os outros e com o Outro da cultura.” (CARVALHO, 2005, p. 52).

Ainda sobre a identidade Hall (2006) aponta que os sujeitos podem assumir diferentes identidades, sendo este um processo permanente e inacabado, podendo coexistir simultaneamente, na medida em que interagem no mundo a partir das relações que estabelecem. A identidade é, portanto, uma condição transitória, a qual se constitui nas relações das pessoas consigo mesmas, com os demais seres humanos e não humanos, e com os ambientes nos quais se inserem e/ou se influenciam. É um processo individual e coletivo, portanto, um processo social, que se dá na relação com o outro.

Ao pensar a constituição da identidade de educador ambiental é preciso levar em conta as dimensões que estão imbricadas neste processo – as trajetórias institucionais do campo ambiental (movimentos socioambientais, políticas ambientais, institucionalizações...) e as trajetórias de homens e mulheres que compõem o campo – ambas atravessadas pelas questões micro e macrossistêmicas, em uma interação reflexiva. A Teoria Bioecológica aponta para algumas dimensões que precisam ser consideradas para compreender o sujeito integral e o seu “desenvolvimento-em-contexto”. Ao vislumbrar o processo formativo dos educadores ambientais é possível, a partir dos pressupostos dessa abordagem teórica, compreender a dimensão humana e a indissociabilidade entre pessoa, contexto, processo e tempo (PPCT).

Como suporte para auxiliar a compreensão dos processos de constituição da identidade de educador ambiental Carvalho (2006) propôs a noção de *sujeito ecológico*, o qual se refere a um modelo que é orientado por um conjunto de princípios ecológicos, os quais fundamentam suas escolhas e ações e como ideal

(...) põe em evidência não apenas um modo individual de ser, mas, sobretudo, a possibilidade de um mundo transformado, compatível com este ideal. Fomenta esperanças de viver melhor, de felicidade, de justiça e bem-estar. [...] mobiliza sensibilidades que podem ser experienciadas por muitos segmentos de nossa sociedade (CARVALHO, 2006, p. 69).

Sendo assim, o sujeito ecológico remete a compreender a Educação Ambiental como um fazer em comunhão, que se dá nas relações, e apresenta um projeto coletivo de sociedade, não sendo uma proposta individual. E isso envolve algo além de mudanças comportamentais, envolve antes mudanças de paradigmas, mudança de percepção, de compreensão do mundo.

Este olhar ecológico implica em compreender as interdependências que constituem o viver na Terra, as interações entre as dimensões biológicas e culturais que constituem os seres humanos, e seu pertencimento intrínseco ao todo da natureza. Tal percepção ecológica leva a pessoa a se entender como parte da teia da vida, instituindo um sentimento de pertença e uma ética ambiental.

Neste sentido, a fim de compreendermos algumas das dimensões formativas que constituem a identidade de educadores ambientais foi realizado um levantamento bibliográfico em quatro bancos de dados, a fim de mapear as pesquisas na referida temática, conhecer o campo e as perspectivas que discutem a formação de educadores ambientais. Apresentaremos a seguir o processo de levantamento e os resultados construídos a seguir.

O que dizem as pesquisas sobre as dimensões formativas da identidade de educador ambiental?

Tal levantamento bibliográfico compõem a Etapa 1 da pesquisa e foi realizado entre os anos de 2019 e 2021, de forma online nos seguintes bancos de dados: Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Banco de Dados da Scielo; Anais dos eventos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) (nacional e ANPEd-Sul) e Anais do Encontro e Diálogos em Educação Ambiental (EDEA).

Os bancos de dados consultados apresentam características distintas quanto ao processo de consulta e busca, tendo sido necessário adotar diferentes procedimentos. As plataformas do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e o Banco de Dados da Scielo apresentam ferramentas de busca por palavras-chave e a opção de delimitar o período de publicação das pesquisas nas plataformas. As palavras-chave utilizadas para realizar as buscas nestas plataformas foram: “educadores ambientais”; “educação ambiental não formal”; “formação de professores” – “Educação Ambiental”.

As dimensões formativas que constituem as identidades de educadores ambientais

O recorte temporal foi dos anos de 2010 a 2020. Após a leitura dos títulos, do resumo e das palavras-chave foram selecionados os trabalhos que mais se aproximavam da perspectiva que orienta a referida pesquisa, adotando como critérios de seleção: o viés fenomenológico–hermenêutico, o uso de metodologias qualitativas participativas, bem como a análise de documentos referentes aos fazeres e saberes de educadores ambientais, narrativas pessoais e perspectivas de formação em rede.

Os levantamentos realizados nos anais dos dois eventos referidos não foram realizadas a partir de ferramentas de busca, visto que os bancos de dados selecionados para o estudo não oferecem esta modalidade. Sendo assim, foram realizadas buscas por títulos e resumos que abordassem a temática em questão, em cada edição dos respectivos anais disponíveis nos sites, e os quais contivessem algumas das palavras-chave elencadas nas plataformas anteriores. O recorte temporal foi mais amplo, de 2005 a 2020. Após a leitura dos respectivos resumos, foram elencados os trabalhos, seguindo os critérios anteriores, os quais foram agrupados por temáticas.

Ao todo foram levantadas 1271 pesquisas, divididas em: 1092 teses, 179 artigos e resumos expandidos publicados em periódicos e em anais de eventos. Deste total, foram analisados 33 trabalhos, sendo: 9 teses e 24 artigos e resumos.

Após o processo de busca, leitura, análise e sistematização dos trabalhos elencados foi possível perceber alguns pontos convergentes nas pesquisas, que emergem como temáticas marcantes: as identidades dos(as) educadores(as) ambientais; as dimensões formativas que constituem esses sujeitos; os espaços educadores e formativos; as percepções de Meio Ambiente e Educação Ambiental que orientam os processos educativos.

No que se refere a temática da identidade de educador ambiental as pesquisas apontam que este sujeito tem algumas características específicas, as quais apesar da diversidade que marca o campo da Educação Ambiental, são compartilhadas pelos diferentes educadores. Como pontos em comum que marcam a identidade aparecem: um engajamento intelectual e político no que toca as questões ambientais; um olhar e agir críticos e problematizador das relações sociedade e natureza; comprometimento com a transformação social e o envolvimento em processos coletivos de reflexão de sua própria prática.

Em artigo intitulado “A Formação do Educador Ambiental: Reflexões sobre os caminhos para a construção e delimitação de um objeto de pesquisa em Educação Ambiental” Vasconcellos e et al(2006) discutem a formação de educadores ambientais e o identificam

como um ser singular, que entende a interdependência entre as muitas dimensões que constituem o viver. Objetivam compreender quais os processos que constituem este educador, e como exercem seu trabalho educativo. Concluem que uma formação mais complexa e integradora, em redes, e nas quais as experiências dos sujeitos são levadas em conta podem ser potentes para a formação de educadores ambientais.

Abordando a Educação Ambiental não formal Gonzalez (2013) em trabalho intitulado “Educação Ambiental Autopoiética entre Manguezais, redes cotidianas escolares e práticas pesqueiras” teve como objetivo problematizar e cartografar os saberes-fazeres socioambientais das práticas de bairros e dos seus atravessamentos entre manguezais e cotidianos escolares, em uma comunidade de pescadores. Foi possível perceber as redes que se estabelecem entre comunidade e escola, criando educações ambientais que nascem dos conflitos e realidades de pessoas comuns, as quais são identificadas pela autora como educadores ambientais, ainda que não tenham vivenciado processos formais de constituição.

No tocante as dimensões formativas as experiências pessoais e profissionais despontam como relevantes no processo de constituição destes educadores. Muitas pesquisas apontam as narrativas pessoais, as práticas de autorreflexão e escritas de si como elementos formativos. Piccini (2011) em artigo intitulado “O discurso sobre a consciência em memoriais de educadores ambientais” abordou a formação e atuação de educadores ambientais a partir da análise de textos autobiográficos memorialísticos. A análise do corpus documental composto por 22 memoriais permitiu a pesquisadora compreender, entre outras questões, o papel das experiências pessoais, como as vividas na infância com as famílias e a escola, como importantes influências nas perspectivas e abordagens de Educação Ambiental dos sujeitos envolvidos.

As pesquisas apontam ainda uma diversidade de abordagens, percepções e tendências teóricas as quais orientam os(as) educadores(as) ambientais. Destacam-se as abordagens de cunho conservador e naturalista, ainda que nos discursos e nas propostas estejam presentes referências teóricas de uma Educação Ambiental de viés crítico.

O artigo intitulado “Concepções de meio ambiente dos educadores ambientais do Zoológico de Goiânia: implicações nas atividades e contribuições para a formação do sujeito ecológico?” de Fonseca e Oliveira (2011), no qual os autores buscaram verificar as concepções de meio ambiente, veiculadas pelos sujeitos que ali atuam, considerando este um espaço de

As dimensões formativas que constituem as identidades de educadores ambientais

educação não formal, e analisar a contribuição dessas para a formação do educador ambiental. Após a análise de entrevistas semi-estruturadas concluem que as concepções de meio ambiente dos referidos sujeitos se limitam a uma ideia de natureza e recurso, e estão pautadas na perspectiva naturalista e preservacionista, o que, segundo os autores, não contribui para a formação de um sujeito capaz de intervir nas questões socioambientais e transformar a realidade.

Ainda Rodriguez (2019) em tese intitulada “La educación ambiental em el museo de História Natural: Um análisis de La sacciones en dos museos del sur de Brasil”, buscou compreender a EA em um contexto institucional, através da análise das ações educativas promovidas por dois museus no sul do Brasil em 2018. O autor percebeu que apesar da instituição promover processos educativos que problematizam a relação sociedade e natureza, o faz por uma perspectiva naturalista e conservacionista, a partir de um modelo de transmissão de conteúdos e informações.

Outra dimensão formativa recorrentemente abordada nas pesquisas são as políticas públicas referentes à Educação Ambiental, desde sua inserção nos espaços educativos à formação de seus promotores. Tais pesquisas apontam que a partir dos anos 2000 houve uma série de avanços no que se refere às políticas públicas educacionais ambientais, como processos de formação de professores, a ambientalização dos cursos de licenciaturas nas universidades, a implementação de processos de formação continuada, mobilizadas pelo Ministério da Educação (MEC), pelas secretárias estaduais e municipais de educação, e por outras instituições.

Podemos destacar a pesquisa realizada por Buczenko (2020) intitulada “Políticas de Formação de Professores na última década: Educação Ambiental em foco”, a qual objetivou analisar o avanço das políticas públicas de formação de professores no Brasil no período de 2009 a 2019 e seus impactos na Educação Ambiental. A partir de análise documental e bibliográfica, o autor apontou alguns avanços como: a criação do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) 2009, gerido pela CAPES; no ano de 2002 a Regulamentação da Lei de Política Nacional de Educação Ambiental (Lei 9795/99) e a criação do órgão Gestor da Política Pública Nacional de Educação Ambiental, que definem as bases para sua execução, bem como a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, em 2012.

A temática referente aos espaços educadores e formativos se configura pela abordagem dos processos promovidos por e vivenciados em espaços formais, como as universidades, escolas, museus, jardins botânicos, salas verdes.

Gil (2012) em tese intitulada “Saberes ambientais: pontes de convergência que enagem no espaço de convivência da formação de educadores”, buscou compreender como os acadêmicos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) entendem a Educação Ambiental, a partir de suas vivências e de suas percepções construídas durante a disciplina de Formação de Educadores Ambientais. Foi realizado um mapeamento com 89 acadêmicos através de um formulário e de um questionário eletrônico, bem como de diversos instrumentos construídos com os estudantes durante a convivência na disciplina. Conclui apontando que a Educação Ambiental é uma prática pedagógica capaz de potencializar novos entendimentos de mundo e a construção de um ser humano que respeite sua integração ao meio ambiente.

Vasconcelos et al(2017) no artigo “As salas verdes e a formação de educadores (as) ambientais no Brasil”, discutem a formação de educadores ambientais a partir da análise do Programa de Formação de Educadores Ambientais (ProFEA). A metodologia empregada consistiu em análise de documentos, entre eles: normativas, listas de discussão das Salas Verdes, publicações na página do Ministério do Meio Ambiente (MMA) e a análise de documentos internos de diagnóstico e informes de gestão do Departamento de Educação Ambiental (DEA). Os autores apontam o papel das Salas Verdes como estruturas educadoras e como um espaço de produção de conhecimentos na área da EA, potente para a formação de educadores (as) ambientais.

Os ambientais virtuais e as TICs (Tecnologias de Informação) também aparecem com frequência nas pesquisas analisadas, como relevantes elementos de promoção e potencialização de processos formativos ambientais. Como ilustrativo o artigo intitulado “Curso de Educação Ambiental para professores: relato de uma experiência de formação continuada no formato remoto e no período de COVID-19” no qual Knopik et al (2021) abordam a realização de um curso de formação de professores em Educação Ambiental. Atravessado pela pandemia de Covid-19 o curso precisou ser reorganizado. Foi realizado em 10 encontros online síncronos via Google Meet, além de atividades assíncronas utilizando o Google Classroom, de junho a setembro de 2020, e contou com a participação de 43

As dimensões formativas que constituem as identidades de educadores ambientais

professores. Concluem que são muitos os desafios e lacunas apresentados pelo ambiente virtual, mas que o mesmo apresenta algumas potencialidades no que se refere aos processos educativos e formativos.

Após a realização deste levantamento bibliográfico aqui apresentado emergiram três categorias: *Educadores ambientais*; *Formação de Educadores Ambientais* e *Educação Ambiental na Formação de Professores*.

Os trabalhos que abordam a constituição da identidade de educadores ambientais, foram reunidos na categoria *Educadores Ambientais*. Nesta categoria as pesquisas apontam também algumas experiências que são consideradas como formativas da identidade de educador ambiental, considerando a relevância das subjetividades, das relações coletivas, dos processos de autorreflexão e escritas de si como dimensões formativas desses sujeitos.

Os trabalhos que versam sobre os diferentes contextos nos quais atuam os sujeitos que são identificados com educadores ambientais, entre eles a escola, a universidade, museus, jardins botânicos, bibliotecas, e como estes contextos podem contribuir para a constituição da identidade desse sujeito configuram a categoria *Formação de Educadores Ambientais*.

As pesquisas que abordam a inserção da Educação Ambiental na formação de professores, desde a formação inicial nos cursos de licenciatura até as formações continuadas promovidas nas instituições de ensino, nas escolas pelas equipes pedagógicas, pelas secretárias de Educação, bem como apresentam estudos sobre as políticas públicas educacionais e projetos no âmbito da temática ambiental, foram agrupadas na categoria *Educação Ambientais na Formação de Professores*. Esta categoria é a predominante nas pesquisas elencadas, configurando 76% do total.

Percebe-se assim que a temática da formação em Educação Ambiental é recorrente no campo da pesquisa em Educação, em especial, em Educação Ambiental. Desde a formação inicial nos cursos de licenciatura até as formações continuadas promovidas nas instituições formais de ensino e formação. Tal realidade atende ao proposto pelas políticas públicas, que em especial desde o ano 2000 apresentaram avanços significativos no campo da formação e implementação da Educação Ambiental.

É, portanto, reconhecidamente uma temática essencial e um direito de todas as pessoas o acesso à Educação Ambiental e a processos educativos que sejam fundamentados e dialoguem com seus pressupostos, e os espaços que a promove são variados: as escolas, as

universidades, as salas verdes, museus, cooperativas, jardins botânicos, hortas escolares, museus. No entanto, o predomínio nas pesquisas ainda é dos espaços formais de educação e formação, e o(a) educador(a) ambiental ainda é majoritariamente identificado(a) com o(a) professor(a) que trabalha na escola com as temáticas ambientais, e aqueles sujeitos que tem a formação em Educação Ambiental.

Por outro lado, há ainda algumas questões que precisam ser aprofundadas e problematizadas quanto a inserção e consolidação de processos educativos ambientais efetivos e permanentes, como uma prática cotidiana das escolas e do fazer docente dos(as) professores(as). Muitas vezes a temática ambiental fica a cargo das disciplinas das Ciências Naturais, desconsiderando-se que a proposta é que ela atravesse todo o currículo e seja trabalhada de forma interdisciplinar entre todas as disciplinas. Outras vezes a temática ambiental se configura em práticas pontuais e desconectadas do restante das discussões da escola, sem uma problematização maior ou uma compreensão das muitas dimensões que compõem as questões ambientais - biológicas, físicas, culturais, econômicas, políticas e sociais.

Ainda no que se refere às práticas em Educação Ambiental nos espaços formais é notória a carência de trabalhos que abordem o contexto do Ensino Médio. Muitos são os trabalhos que tratam sobre os processos educativos em Educação Ambiental no Ensino Fundamental (em especial nos Anos Iniciais), no Ensino Superior nos cursos de licenciatura, e também alguns poucos na Educação Infantil.

Ao abordar a constituição da identidade de educadores ambientais as pesquisas apontam a relevância de processos de autorreflexão das experiências e trajetórias vividas por cada sujeito, do papel das experiências de suas infâncias, aquelas compartilhadas em âmbito mais pessoal, mas também a relevância dos processos coletivos, das formações em rede, de fazeres e saberes que estão para além dos muros institucionais. Das experiências e sentidos atribuídos pelas subjetividades, individuais e coletivas. E o quanto as formações continuadas, as experiências profissionais e as partilhas nos diferentes espaços educativos contribuem na constituição de uma consciência ecológica, e um pensar e agir mais comprometido com o mundo.

Como dimensão formativa da identidade de educadores ambientais se destaca a formação docente, desde a formação inicial até as experiências promovidas e vivenciadas em

As dimensões formativas que constituem as identidades de educadores ambientais

demais contextos formais de educação, como as escolas, museus e jardins botânicos. Isso aponta a docência como uma marca identitária do sujeito educador ambiental. No entanto, isso precisa ser problematizado, visto que nem todo educador ambiental tem a formação docente e nem todo docente que vivencia em sua trajetória processos formativos de Educação Ambiental se constitui necessariamente em um educador ambiental. Pois como propõem o conceito de *sujeito ecológico* (CARVALHO, 2006) este é um sujeito com características específicas, ainda que seja um tipo ideal.

Considerações finais

O levantamento realizado atingiu o objetivo proposto, o qual era compreender quais são as dimensões formativas da identidade de educador ambiental. Entre as dimensões formativas que contribuem na constituição do sujeito educador ambiental destacaram-se: as formações em rede, sendo estas vivenciadas em espaços formais ou não formais de educação e formação; as experiências pessoais, da infância a vida adulta; as experiências profissionais; experiências de narrativas de si e escritas autobiográficas; experiências sensibilizadoras, e o papel das políticas públicas no fomento a formação de professores e de educadores ambientais.

Evidencia-se que a pesquisa em formação de educadores ambientais é vasta e diversa, e elenca diferentes experiências, contextos, práticas e pessoas, e se fundamentam em diversas perspectivas teórico-metodológicas. No entanto, percebemos que ainda faltam pesquisas nas quais o próprio educador ambiental se narre, conte as suas percepções de como se constitui a sua identidade. Que revele em suas narrativas quais as dimensões formativas que percebe como constituintes de sua identidade, quais as experiências que o compõem.

Compreender tais processos pode contribuir para uma formação de educadores ambientais mais significativa e promotora de mudanças, atenta as demandas socioculturais de nosso tempo, a qual leve em conta as subjetividades de cada sujeito, promovendo processos educativos e formativos mais potentes, sensíveis, nos quais toda a integralidade do sujeito humano e de suas relações no e com o mundo configurem repertórios essenciais de seu ser.

Dessa forma, entendermos ser possível as mudanças de perspectivas e de atitudes vitais à uma qualidade de vida a todos os seres que compartilham a vida na Terra. Uma vida ambientalmente sustentável, na qual todos os seres possam viver plenamente suas

possibilidades. Esse processo de resistência a um sistema desigual, cruel e degradante pode ser confrontado por pessoas educadas ambientalmente, cientes das conexões que sustentam a teia da vida.

Referências

ARIAS, Patricio Guerrero. Corazonar la dimensión política de la espiritualidad y la dimensión espiritual de la política. In: **Alterid 10. Revista de Ciencias Humanas, Sociales y Educacion**, N.10. Disponível em: <https://alteridad.ups.edu.ec/index.php/alteridad/article/view/1.2011.02> Acessado em: 15 de jun. de 2021.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei 9795/99. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm Acessado em: 10 de jun. 2020.

BRASIL. **Lei n.º 12.056**, de 13 de outubro de 2009. Acrescenta parágrafos ao art. 62 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 14 out. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6755.htm Acessado em: 08 mai. 2020.

BOFF, Leonardo. **Covid-19: a Mãe Terra contra-ataca a Humanidade: advertências da pandemia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades aprendentes. In: FERRARO, Luiz Antônio (org). **Encontros e Caminhos: formação de educadores (as) ambientais e coletivos educadores**. pp.83-92. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Trad. André de Carvalho-Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BUCZENKO, Gerson Luiz. Políticas de Formação de Professores na última década: Educação Ambiental em foco. **Anais da XII Reunião da ANPEd Sul**, 2020, Blumenau-SC. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/regionais/p/sul2020/trabalhos> Acessado em: 20 de mar. de 2021.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Trad. Newton T. Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof. LUISI, Pier Luigi. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. Trad. Mayra T. Eicheberg, Newton T. Eicheberg. – São Paulo: Cultrix, 2014.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Michéle Sato e Isabel Carvalho (Orgs). Porto Alegre: Artmed, 2005.

CARVALHO, Isabel. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE). Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf Acessado em: 10 jun. 2020.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos – a educação (do) sensível**. 3ª edição, Curitiba: Criar Edições, 2001.

FONSECA, Fabíola Simões Rodrigues da e OLIVEIRA, Leandro Gonçalves. Concepções de meio ambiente dos educadores ambientais do Zoológico de Goiânia: implicações nas atividades e contribuições para a formação do ecológico?. **Educar em Revista** [online]. 2011, n. 4, pp. 231-246. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/mjThZmsnKsZWgnYL93CcTgK/abstract/?lang=pt#> Acessado em: 02 de set. de 2019.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentziel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIL, Robledo Lima. **Saberes ambientais: pontes de convergência que enagem no espaço de convivência da formação de educadores**. Tese(Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. Doutorado em Educação Ambiental, 167 fl. 2012. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/8932/GIL%2c%20ROBLEDO%20LIMA.pdf?sequence=1> Acessado em: 10 de out. de 2020.

GONZALEZ, Soler. Educação Ambiental Autopoiética entre Manguezais, redes cotidianas escolares e práticas pesqueiras. **Anais da Reunião Nacional da ANPEd – 36ª**, 2013. Goiana-GO. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt22_trabalhos_pdfs/gt22_3225_resumo.pdf Acessado: 12 de mar. de 2021.

GUIMARÃES, Mauro. GRANIER, Noeli Borek. Educação Ambiental e processos formativos em tempos de crise. **Revista Diálogo Educacional**. V.17, n. 55. pp.1574-1597. Curitiba-PR. Dez/2017. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416X2017000501574&lng=pt&nrm=iso Acessado em: 06 mai. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KNOPIK, Juliane et al. Curso de Educação Ambiental para professores: relato de uma experiência de formação continuada no formato remoto e no período de COVID-19. **Anais do XII Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental**, Rio Grande-RS, 2021. Disponível em:

<file:///C:/Users/sabri/Downloads/ANAIS%20EDEA%20Final%20COMPLETO.pdf> Acessado em: 25 de jun. de 2021.

LEFF, Enrique. **Discursos Sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental**: a reapropriação social da natureza. Trad. Luiz Carlos Cabral. 2 ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin – São Paulo: Palas Athena, 2001.

PICCINI, Cláudia Lino. O discurso sobre a consciência em memoriais de educadores ambientais. **Ciência & Educação** (Bauru) [online]. 2011, v. 17, n. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132011000300010> Acessado em: 05 de set. de 2019.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 72-89, jan. 1996. ISSN 1806-9274. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33579> Acessado: 10 de set. de 2017.

RODRIGUES, Ivo Borroto. **La educación ambiental em elmuseo de História Natural: Um análisis de La saccionesen dos museosdelsur de Brasil**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 284f. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7639028 Acessado em: 18 de ago. de 2019.

SÁ, Lais Mourão. Pertencimento. In: JR, Luis Antônio Ferraro (org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, v. 01. p. 245 - 255.

SAUVÉ, Lucien. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: **Educação Ambiental: pesquisas e desafios**. SATO, Michele; CARVALHO, Isabel C.M. Porto Alegre: Artmed, 2005. P.17-44.

VASCONCELLOS, Hedy Silva Ramos de et al. A Formação do Educador Ambiental: Reflexões sobre os caminhos para a construção e delimitação de um objeto de pesquisa em Educação Ambiental. **Anais da Reunião Nacional da ANPEd**, 29ª, 2006, Caxambu-MG. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT22-2381-Int.pdf> Acessado em: 13 de mar.

VASCONCELOS DZIEKANIAK, Cibele; ARIZA ARIZA, Leidy Gabriela; FREITAS, José Vicente de. As salas verdes e a formação de educadores (as) ambientais no Brasil. **Rev. Fac. Cienc. Tecnol.**, Bogotá, n. 41, p. 73-86, June 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-38142017000100073&script=sci_abstract&lng=pt Acessado em: 13 de set. de 2019.

Agradecimentos

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de doutorado à primeira autora.

Sobre as autoras

Sabrina Meirelles Macedo

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA-FURG). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-FURG). Membro do Grupo de Pesquisa no CNPq Ecoinfâncias: Infâncias, Ambientes e Linguagens. Bolsista CAPES. Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Tem experiência como docente na Educação Básica nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, bem como professora-tutora no curso de Pedagogia na modalidade de ensino à distância (EaD) pela Universidade Aberta – UAB- FURG. Email: sabrinairelles@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5644-6069>

Narjara Mendes Garcia

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA-FURG). Professora Adjunta no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Possui graduação em Pedagogia – Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Líder do Grupo de Pesquisa no CNPq Ecoinfâncias: Infâncias, Ambientes e Linguagens. Aborda os seguintes temas: Educação Ambiental nas instituições educativas; Formação de educadores ambientais; Infâncias, juventudes e ambiente; Educação Parental; Educação da infância; Educação a Distância nos cursos de licenciatura. E-mail: narjaramg@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0947-6542>

Recebido em: 03/05/2022

Aceito para publicação em: 07/07/2022